

Entrevista com Philippe Lejeune

Jovita Maria Gerheim
Noronha *

Abstract

A genre that exists in-between fiction and history, considered by many as a minor one, autobiography took advantage of its liminal position and expanded its field of interest, calling the attention of those who are attracted by the adventure of the language of a reflexive “I”, either a great writer or an ordinary man, and also of those who see it as a privileged window to the perception of social microfundaments. Philippe Lejeune, a reknown specialist in every form of the writing of the “I”, researcher at the Institut Universitaire de France, professor

* Professora de Língua Francesa e de Literaturas de Língua Francesa da UFF. Doutoranda em Literatura Comparada, UFF.

at the Université de Paris-Nord (Villetaneuse) and co-founder of the APA (Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique), talks about these issues in the following interview¹.

Keywords: Autobiography, literature and society, Philippe Lejeune.

P – No Brasil, o senhor é conhecido sobretudo como o «pai» do «pacto autobiográfico». De fato, o senhor foi o primeiro a propor uma definição de autobiografia baseada em um contrato de leitura entre o autor-narrador-personagem e o leitor e a estabelecer as regras desse jogo. O senhor reviu em seguida essa definição inicial em «Le Pacte autobiographique (bis)», nuançando alguns pontos. Qual é sua posição diante do pacto hoje?

R – Não me considero o «pai» do pacto, pois isso significaria dizer que criei a coisa. Eu sou antes seu filho: constatei que ele existia e é a ele que devo se não a vida, pelo menos a fala. Vou lhe contar a história. Em 1971, eu quis fazer um quadro geral da autobiografia francesa, o que nunca havia sido feito. Para isso, precisava de uma definição. Fiquei espantado ao constatar que o *texto* autobiográfico e o texto ficcional podiam obedecer às mesmas leis. A diferença entre eles não estava no próprio texto, mas no que Gérard Genette chamou de paratexto, no compromisso do autor com o leitor em dizer a verdade sobre si mesmo. É completamente diferente do compromisso que se tem na ficção – que é antes um *descompromisso*, a instauração de um jogo, de um distanciamento. E a atitude do leitor, seu tipo de investimento é também muito diferente. É claro que entre esses dois pólos, pode-se ter posições intermediárias, comprometimentos, ambigüidades – tudo aquilo que se define hoje com o termo vago de «autoficção». Mas as posições intermediárias nascem desses pólos, elas não existiriam sem eles. Eu me concentrei então no pólo autobiográfico, que nunca fora estudado, ao passo que toneladas de obras haviam sido dedicadas à ficção. Quanto à autobiografia, considerava-se que se explicava por si só, via-se nela apenas uma subcategoria do discurso histórico, e, além disso, era vista com um certo desprezo, muitos consideravam que não era literatura e supunham que, ao se buscar a verdade, saía-se do campo da arte...

P – O senhor então propôs uma definição para ela...

R – Sim e não. Eu simplesmente peguei a definição dada pelos dicionários. Eu não «propus» propriamente uma definição, mas a constatei e, em seguida, analisei-a. Em *L'Autobiographie en France* (1971), utilizei essa definição de modo um pouco dogmático para fazer uma triagem dos textos. Mas, a partir do *Pacte Autobiographique* (1975) até hoje, o que prevaleceu foi a análise,

¹ Association pour l'autobiographie (APA), La Grenette, 10 rue Amédée-Bonnet, 01500 Ambérieu-en-Bugey, França. Site: <http://perso.wanadoo.fr/apa/>

não o dogma. Eu adoro, mais ou menos como fazem Genette ou Jakobson, distinguir os níveis de descrição, ver a gama de soluções possíveis em cada nível, suas combinações segundo dominantes variáveis, etc. Essas descrições bem afinadas ajudam a escapar do dogmatismo e permitem pensar a história, o que os formalistas russos chamavam de *variabilidade*. Logo, eu próprio não tenho uma definição pessoal: trabalho com a definição de todo o mundo. Tento observar ao mesmo tempo o centro do sistema, o pólo (o compromisso de escrever a verdade sobre si) e as margens, as situações fronteiriças de todos os tipos, nas quais a influência do outro pólo se faz sentir, e onde se criam interferências, «franjas» onde os dois sistemas manifestam, através do conflito, o que cada um deles tem de próprio. O pólo é o compromisso de dizer a verdade sobre si. É um ato *real*, que implica a possibilidade de verificação, e que compromete de fato, socialmente e juridicamente, podendo, às vezes, até chegar ao tribunal. A esse aspecto referencial que o opõe à ficção, acrescenta-se um aspecto relacional, que o distingue do discurso histórico: o autobiógrafo coloca seu leitor em perigo. Ele lhe pede algo: reconhecimento, aprovação, amor. E, ao mesmo tempo, sugere ou propõe algo mais embaraçoso ainda: a reciprocidade. O leitor é forçado a pensar em sua própria vida em termos análogos, mesmo se não tiver vontade de fazê-lo. A autobiografia é contagiosa e muitas pessoas têm medo dela. Esse é o pólo. Quanto às franjas ou fronteiras, pode-se vê-las analisando todas as produções híbridas, as autoficções, as memórias imaginárias, as autobiografias em terceira pessoa, etc. Ou então deixando o campo da língua escrita: seria a mesma coisa falar de sua vida ou escrevê-la? De modo algum. Escrevê-la ou desenhá-la? Nesses últimos anos tentei ver se a imagem seria capaz de dizer «eu» sem recorrer à linguagem articulada. Há pelo menos vinte anos, surgiu um cinema autobiográfico (documentário distante da ficção), histórias em quadrinhos autobiográficas, etc. E as novas invenções criam verdadeiras situações «experimentais» de laboratório: o que acontece com o diário íntimo quando escrito na Internet?...

*P – De fato, em seus primeiros livros, o senhor analisou textos de grandes autores tais como Jean-Jacques Rousseau, Jean-Paul Sartre, Michel Leiris. Mas, a partir de **Je est un Autre** (1980), passou a se interessar também pelas entrevistas radiofônicas, pela autobiografia falada, pelos relatos de vida de anônimos, enfim pelas «autobiografias dos que não escrevem», gravadas, e publicadas em forma de livro. Por que essa mudança de direção?*

R – Você disse certo: eu passei a me interessar *também*. Não se trata de fato de uma mudança de direção, o que faria supor que abandonei o outro caminho: não, eu continuo apaixonado pela literatura! Digamos que seja uma ampliação. Por que se restringir? Por que não estudar várias coisas ao mesmo tempo? Por que não olhar a realidade sob todas as faces? – mas, por outro lado, você tem razão: houve uma mudança de direção. Comecei considerando a autobiografia como um gênero literário, minha visão era estreita e acadêmica, embora tivesse uma certa condescendência por aquelas pobres pessoas que não eram escritores e que tentavam escrever sobre si mesmos. Assim, de

início, quando estava estudando Rousseau e Sartre, minha família confiou-me um dia uma pilha de cadernos manuscritos de meu bisavô Xavier-Édouard Lejeune (1845-1918), comerciante que dedicara seus domingos a escrever sua autobiografia. Eu era tão elitista, tão pretensioso que de início desprezei aqueles textos apaixonantes e os deixei de lado por dez anos antes de descobrir seu interesse. Precisei de tempo e de um grande esforço pessoal para compreender que as autobiografias de escritores eram apenas uma pequena província de um país imenso, que o direito de escrever sobre si pertencia a todos e que essa prática tinha suas leis próprias, sem relação com as leis da literatura. Foi então que me democratizei, se posso dizer assim, e me interdisciplinarizei. Eu deveria ter recomeçado meus estudos! Tornei-me historiador aprendendo a trabalhar com arquivos e sociólogo aprendendo a fazer pesquisas... Frequentei mais antropólogos e psicólogos que analistas de literatura. O resultado é que meus colegas de área me olham hoje de cara feia e me perguntam onde, para mim, termina a literatura. aaaa

P – O senhor passou a trabalhar em seguida com os diários...

R – De fato, ampliei ainda mais meu campo de trabalho. A autobiografia é um ato excepcional e intimidador: com que direito conta-se a própria vida? É preciso de alguma maneira estar legitimado. Além disso, como construir uma narrativa que prenda a atenção dos outros? É uma arte difícil. A autobiografia é pois um ato pouco freqüente: poucas são escritas embora muitas sejam lidas. Já com o diário, acontece exatamente o contrário: muitos são escritos (8% dos franceses afirmam ter um diário, o que significa mais de três milhões de pessoas) e poucos são lidos. O diário não intimida. Todos acham ter o direito de escrever um e se crêem capazes de fazê-lo. Mas é uma escrita *invisível*. Não é quase nunca publicada e é freqüentemente destruída. O centro da cena, nas livrarias, é ocupado pelos diários de escritores que são muito interessantes, é claro, mas não são representativos. É minha vez agora de fazer uma pergunta: no Brasil, existem pesquisas sobre a prática do diário?

P – Não que eu saiba...

R – Você deveria fazer uma... Basta acrescentar uma pergunta a esse respeito em uma pesquisa estatística nacional (por exemplo sobre as práticas culturais). Ou então fazer uma pesquisa «qualitativa», através de um anúncio publicado na mídia: «Se você tem um diário, fale sobre ele!». Ou então, distribuir questionários em escolas e universidades. Eu experimentei todos esses modelos desde 1986. Antes, de 1971 a 1986, eu deixara o diário fora de minhas pesquisas, pois tinha preconceitos em relação a ele, talvez porque tivesse guardado uma lembrança ruim de meu diário de adolescência, começado aos 15 anos. «Reconverti-me», pois, ao diário em 1986, e tentei estudá-lo não como um gênero literário, mas como uma prática ordinária. Em 1997, por sugestão minha, a Association pour l'autobiographie organizou uma grande exposição de diários íntimos em uma biblioteca pública em Lyon: mostramos cerca de 250 diários misturando os de celebridades (Benjamin Constant,

Amiel, Gide, etc.) com a massa de diários de desconhecidos que nos foram confiados por seus autores e que constituem um universo abundante.

P – Em seu último livro, «Cher Écran...», o senhor continua sua pesquisa sobre os diários, mas escritos em outro tipo de suporte, o computador, e «publicados» na Internet...

R – A Internet oferece uma oportunidade formidável para o diário: você pode ser lido sem ser publicado, ela curto-circuita a triagem feita pelos editores, qualquer um pode montar sua pequena vitrine! Na França, existem «círculos» que permitem encontrar rapidamente cerca de 200 diários *on line*. Usando um pseudônimo, você pode preservar sua intimidade, fazer amigos desconhecidos sem que isso interfira em sua vida real. E seu leitor tem a oportunidade de seguir sua vida dia a dia, como uma novela, compartilhar em tempo real de suas expectativas, esperanças, decepções. Antes da Internet, os diários eram sempre lidos retrospectivamente, o leitor podia saber a continuação, ao passo que agora ele compartilha totalmente da experiência do autor e, sobretudo, do que é a própria base do diário: ignorar o futuro! Na França, esses diários são escritos sobretudo por jovens adultos, entre 20 e 35 anos... São experiências literárias à sua maneira (é preciso saber prender a atenção do público dia após dia), mas também sociais, pois criam-se novas amizades e estabelece-se uma espécie de «intimidade em rede», se posso dizer assim...

P – O senhor é um dos fundadores da APA, a Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique. Quais são os objetivos e as atividades dessa associação?

R – Eu fundei essa associação em 1992... Foi uma estranha aventura, nesse caso também, uma aventura de amizade. As pessoas ficam sempre espantadas em saber que autobiógrafos, supostamente individualistas e narcisistas, podem se associar. Ora, é claro que sim! Quando se reflete sobre a própria vida, é possível se interessar pela dos outros, por comparação e simpatia. Fiquei impressionado, no fim dos anos 80, pelas cartas pungentes que recebi de autobiógrafos e diaristas que não sabiam o que fazer com seus escritos. Era impossível editá-las, impossível guardá-las nos arquivos e bibliotecas já lotados. Além disso, pode-se confiar na transmissão familiar? Tantos cadernos e correspondências acabam no lixo, pois ninguém se interessa por eles... «Deus ajuda quem se ajuda», diz o provérbio. Uma amiga, Chantal Chaveyriat-Dumoulin, me sugeriu fundar uma associação. Ela foi falar com o prefeito e a bibliotecária de sua cidade (uma cidadezinha perto de Lyon, Ambérieu-en-Bugey) que entenderam o interesse do projeto e resolveram ajudar cedendo um grande espaço na biblioteca municipal. O que faz nossa associação? Ela lê, comenta e conserva todos os textos autobiográficos (narrativas, diários, cartas) inéditos que lhe são enviados. Desde 1992, recebemos mais de 1200 textos, desde narrativas com cerca de dez páginas até um diário íntimo em 65 cadernos! Temos, em diferentes lugares da França,

cinco grupos de leitura que lêem apaixonadamente todos esses textos e fazem resenhas que são publicadas a cada dois anos, constituindo uma espécie de catálogo comentado de nosso acervo, o *Garde-Mémoire*. Os textos voltam em seguida para Ambérieu e ficam à disposição dos curiosos, amadores de autobiografias, e dos pesquisadores (historiadores, sociólogos...) Editamos também uma revista, *La Faute à Rousseau*, organizamos encontros de fins-de semana, temos grupos de escrita e reflexão. A associação reúne atualmente cerca de 800 pessoas e tem um objetivo militante: incentivar as pessoas que escrevem suas vidas dizendo-lhes que se trata de uma prática útil, digna de estima, que elas têm razão de fazê-lo e que não estão sozinhas. Na França – não sei se acontece o mesmo no Brasil – há muitos preconceitos contra a autobiografia...

P – O senhor se inspirou em alguma experiência anterior, em algum modelo para fundar essa associação?

R – Inspirei-me no modelo de uma iniciativa extraordinária dos italianos. Em 1984, Saverio Tutino, um jornalista comunista, especialista em América Latina, instituiu em um vilarejo da Toscana, Pieve S. Stefano, um «Prêmio nacional de autobiografia». Em 1988, fui ver como aquilo funcionava e embora estivesse um pouco reticente quanto à idéia de «concurso», fiquei seduzido, pois era uma experiência formidável. Disse a mim mesmo: é possível! Quando fundei a APA, não quis promover nenhum concurso, mas, quanto ao resto, são empreendimentos análogos, e temos um bom intercâmbio com eles. Em 1998, na Alemanha, criou-se uma associação análoga à APA, também em uma cidadezinha, Emmendingen, na Floresta Negra. Os três arquivos trabalham juntos e formam a base de uma rede «européia» de autobiografia. Tentamos estabelecer ligações com grupos de outros países que tenham as mesmas preocupações que nós. Talvez seja um sonho: a compreensão entre as culturas graças à autobiografia...

*P – O senhor poderia nos falar um pouco de seu **site** «Autopacte»²?*

R – Com prazer. É um *site* «documentário» sobre a escrita autobiográfica. Nele pode-se encontrar muitas referências bibliográficas (em língua francesa), informações sobre colóquios, encontros, lista de endereços úteis, fragmentos de textos... E também alguns artigos meus inéditos, ou publicados em revistas ligadas ao tema: como ensinar a autobiografia, o que é o pacto autobiográfico, porque eu me interesso por isso... Minha idéia é que cada país deveria ter um *site* sobre o gênero autobiográfico. Acho que você deveria criar um parecido no Brasil! É preciso que cada cultura, cada língua, proponha um lugar de informação sobre a expressão escrita da experiência vivida. Um dos grandes problemas atuais em nosso campo é nossa ignorância relativa em relação às culturas estrangeiras e também ao domínio da língua e ideologia americanas. Mas não adianta nada reclamar da globalização, da uniformização de tudo. Nesse caso também, «Deus ajuda quem se ajuda!»

P – Embora sua trajetória intelectual seja pontuada por mudanças de direção, o senhor sempre permaneceu fiel ao gênero autobiográfico. Como explica essa paixão?

R – Agora você me deixou embaraçado: para responder à sua pergunta, seria preciso lhe contar minha vida! Seria um prazer, mas não é fácil fazê-lo em três frases. Vou tentar assim mesmo. Primeiramente, o gosto pela linguagem: desde muito pequeno, eu gosto das palavras, de poesia, de frases e de textos, de lápis e folhas – e, agora, da tela do meu computador! A experiência da solidão, em segundo lugar, durante minha adolescência, como tantos outros jovens. E, por fim, uma total inaptidão para a ficção. Esse terceiro ponto é talvez o essencial: falta-me uma faculdade que muitos possuem: não tenho imaginação. Não sei inventar nem fazer de conta. E a maior parte dos romances contemporâneos me entediam. Daí vem essa espécie de ingenuidade que me confina no campo da verdade, que me faz crer que é possível dizê-la. Daí vem minha revolta diante dos que pensam que a arte não existe fora da ficção. Nos meios literários franceses, há atualmente uma verdadeira religião da literatura e um desprezo sem limites pela autobiografia. A própria palavra parece um insulto: se o que você escreve é autobiografia, você não é um artista. Eu penso o contrário; a autobiografia (busca obstinada da verdade) pode ser uma arte. Uma das mudanças de direção essenciais em minha vida foi a descoberta da obra de Michel Leiris. Um poeta surrealista que dedicou sua vida à autobiografia! Que a transformou em um gênero de vanguarda! E que se manteve fiel a uma espécie de dever para com a verdade! Encontrei em seguida em outros artistas contemporâneos, Georges Perec, Claude Mauriac, por exemplo, o mesmo gosto pela verdade, e a mesma inventividade. Você leu *Wou le Souvenir d'enfance*, leu *Le temps immobile*? Essas obras representam a nova fronteira de nossa época, o verdadeiro desafio. Encontrar novas formas escrupulosamente verídicas, que expressem o que era até então impensável, inexprimível em nossa experiência – desculpe-me por me entusiasmar assim: você me perguntou sobre a origem de minha paixão, é essa.

P – Quais são seus projetos atuais?

R – Estou com várias «panelas no fogo». Todas elas se relacionam com o diário. Às vezes, me pergunto se, depois do meu período «autobiográfico» e meu período «diário», haverá um terceiro... Só me faltará explorar a correspondência! No momento, estou preparando uma edição do diário de um adolescente do século XIX, Paul Jamin. Estou interessado também em diários de crianças, a partir dos escritos de uma menina de sete anos que começou a escrever um diário no momento em que aprendeu a escrever. Mas, sobretudo, estou com um grande projeto histórico, uma pesquisa sobre as origens do diário. Minha pergunta é: por que a prática do diário só apareceu e se desenvolveu no Ocidente no fim da Idade Média? Você bem sabe que existem muitas discussões sobre a origem da autobiografia...

P – Isso foi objeto de uma certa polêmica entre o senhor e Georges Gusdorf...

R – Nunca polemizei de fato com ele... Digamos que ele não concordava com minha maneira de ver a autobiografia como uma criação dos tempos modernos. Levei a sério a primeira frase das *Confissões* de Rousseau: «Je forme une entreprise qui n'eut jamais d'exemple». É verdade que *As Confissões* se inscrevem em várias tradições anteriores, literárias, morais e religiosas. Mas Rousseau, ao mesmo tempo, por sua sinceridade explosiva e suas concepções revolucionárias sobre a história da personalidade, fez a autobiografia entrar em um novo espaço... Há, é claro as *Confissões* de Santo Agostinho e outros textos pessoais na Antiguidade que podem ser considerados como fontes... Os gêneros literários são como as pessoas: em torno deles se constrói uma mitologia prestigiosa, uma lenda... Quanto ao diário, é muito mais simples: antes do fim da Idade Média, ele não existia. Meu projeto é esclarecer o problema e explorar as primeiras formas de diário na França, do livro de razão ao diário espiritual. No último inverno, passei dias inteiros procurando em arquivos diários espirituais franceses para chegar à conclusão de que existem pouquíssimos e que quase ninguém os leu. Mergulhei na história do papel – pois essa é uma das chaves essenciais. O papel não apenas substituiu o pergaminho a partir do século XV, mas, primeiramente e sobretudo, substituiu as tábulas de cera que serviam para as escritas correntes e fatalmente efêmeras. Foi assim que mergulhei na história do tempo: o relógio mecânico (inventado no século XIV) e o calendário... Existem, pois, múltiplos fatores e diários com funções muito diferentes: impossível encontrar uma razão simples, um ato fundador – o que torna o tema ainda mais fascinante. No momento, tenho pois diante de mim um grande canteiro de obras. E essa pesquisa me parece ser a continuação da minha pesquisa anterior sobre os ciberdiaristas ; são dois estudos de «midiologia», como diria Régis Debray. Estudei como, sob nossos olhos, um veículo novo como a Internet podia transformar as estratégias do diário. E agora tentarei ver como, no século XV, o papel permitiu que ele nascesse. Eis os meus projetos antes da aposentadoria...

P – O senhor já vai se aposentar? Mas isso não significa que vá parar completamente...

R – Em 2004, quando fizer 66 anos, será preciso que eu renuncie ao prazer de ensinar e à vista de minha sala em Villeteuse, onde trabalho desde janeiro de 1970 e que nunca quis deixar. Trata-se de uma universidade situada na periferia de Paris, onde se misturam todas as populações do mundo. Quando comecei, era uma universidade pequena, nova, onde tínhamos liberdade para ensinar o que quiséssemos. Foi-me possível, então, não fazer nenhuma diferença entre meus cursos e minhas pesquisas. «O Pacto Autobiográfico», do qual falávamos ainda há pouco, foi primeiramente um curso que dei a meus estudantes de primeiro ano, em novembro de 1972. Em 1979, pude criar um curso opcional que denominei «A autobiografia hoje». Seu objetivo era observar o que aconteceria de novo no campo da

autobiografia durante aquele ano, a atualidade autobiográfica e, também, se o aluno quisesse, estudar experiências pessoais de escrita, sondagens... Eu propus a eles, por exemplo, coletar os relatos de vida de seus avós... O curso era muito flexível, o que me permitiu não apenas alimentar minhas aulas com minhas pesquisas, mas também fazer o inverso, pois aprendi muitas coisas com meus alunos. O difícil era, quando chegavam ao quarto ano, convencê-los a se arriscar fora do campo da literatura. Mas, lembro-me de Marie-France, que coletou a memória oral da cidadezinha de Saint-Ouen-l'Aumône, de Philippe, que aceitou ir a Lyon estudar em arquivos autobiografias de criminosos, de Sandrine, que se iniciou na crítica genética decifrando os cadernos de Marie d'Agoult, de Christelle, que analisou um filme de Georges Perec, de Sophie, que trabalhou com um inventário de autobiografias de mulheres, de Marilyn, que mergulhou em diários inéditos de jovens do século XIX. Terei saudades, é claro. Mas continuarei de outro modo. Estarei pronto para receber os interessados diante das grandes janelas de minha casa em Fontenay-aux-Roses.

P – E talvez lhe sobre tempo para pensar em si mesmo...

R – Não estou certo disso! De fato o ensino funciona para mim quase como um relaxamento: a pressão vem das participações em reuniões públicas, em sessões de formação, em colóquios universitários, enfim, todas as coisas que continuarei talvez a fazer, pelo menos por algum tempo, e das quais também gosto. Além disso, há ainda minha participação nas atividades da APA, às quais dedico atualmente a metade de meu tempo – é certamente demais, pois meu objetivo, a longo prazo, é que essa associação possa viver sem mim. Você tem razão, será preciso que eu me distancie um pouco e pense em mim mesmo.

Principais publicações de Philippe Lejeune

L'Autobiographie en France. Paris: Armand Collin, 1971/1998.

Lire Leiris, autobiographie et langage. Paris, Klincksieck, 1975.

Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975/1996.

Je est un autre: l'autobiographie, de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980.

Calicot, Xavier-Edouard Lejeune, enquête Michel et Philippe Lejeune. Paris: Montalba, 1984.

Moi aussi. Paris: Seuil, 1986.

Cher cahier...: témoignages sur le journal personnel. Paris: Gallimard, 1989.

La pratique du journal personnel. Enquête. Paris: Université Paris X, 1990.

La Mémoire et l'Oblique. Georges Perec autobiographe. Paris: POL, 1991.

Le Moi des demoiselles. Enquête sur le journal des jeunes filles. Paris: Seuil, 1993.

Les Brouillons de soi. Paris: Seuil, 1998.

Pour l'autobiographie. Paris: Seuil, 1998.

Cher écran...: Journal personnel, ordinateur, Internet. Paris: Seuil, 2000.